

U F U T U R O

2.º ANNO
NUMERO 87

QUARTA FEIRA 13
DE NOVEMBRO DE
1872

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO PELA MOCIDADE Á CAUSA DA PATRIA



14 DE NOVEMBRO DE 1872

Le Roi est mort!

(Nacção de 16 de Novembro de 1866.)

O Rei é morto!

Foi esta nova triste e dolorosa que o telegrapho nos enviou em 14 de novembro de 1866.

O Rei é morto! Palavras eloquentes, que nos fizeram esgotar o calix da amargura!

Tinhamos no exilio contemplado um Rei, que, obrigado pela força de quatro poderosas nações, se retirou para terras estranhas, levando no peito a saudade de seus fieis vassallos. Nas amarguras do exilio, tinhamos admirado sua provada coragem.

Elle soffria como Rei, e nós como vassallos, mas o soffrimento era egual.

Restava-nos uma esperança. Restava-nos essa filha do ceo, que nunca nos abandona nos amargurados transes da vida.

Essa esperança constante, baseada na confiança do poder do Senhor, tinha-se dilatado, quando em 1846, um povo quasi em massa arvorava o estandarte da legitimidade e proclamava o Senhor D. Miguel 1.º

E essa esperança, risonha como a aurora matinal em dia de primavera, doce alimento de nossas almas repassadas de desgosto, ao ver as desgraças que açoitavam a patria de Affonso e João Primeiro, não seria baldada se o Eterno, julgando em Seus altos juisos que as faltas d'esta infeliz nação ainda não estavam expiadas, não permittisse que segunda vez a força estrangeira viesse opprimir-nos com seu jugo de ferro dizendo: Não queremos! Se assim não fôra, o valor dos portuguezes de 1846 seria o dos portuguezes de 1640.

Mas essa esperança radiosa que sempre nos sorria não podia apagar-se no peito de portuguezes leaes.

Só esperavamos que o Eterno se amerciasse de Portugal, d'esta nação Fidelissima, restituindo o Senhor D. Miguel ao throno portuguez, quando o telegrapho nos transmittiu aquellas terribes palavras, que ainda hoje são a fiel traducção de nossa dôr.

O Rei é morto!

Era que o Rei Martyr deixára d'existir!

Era que o veo da morte cobrira sua Augusta fronte!

Era que o tempo devastador deixara de medir as suas horas!

E os portuguezes leaes ajoelharam diante de seu oratorio. Chamaram seus filhos para junto de si e oraram pelo Rei. Depois enxugaram suas lagrimas, doce tributo de sua experimentada lealdade, e alongando a vista para terras affastadas, onde uma singella louza estava levantada para incerrar o cadaver de um Rei d'um povo heroe.

Então nossos paes, apontando para o exilio, disseram-nos:

Vêdes aquella louza?

Vae encerrar o cadaver do Rei em quem estavam personificados nossos solidos principios.

Legou-nos um filho e com Elle a esperança da salvação do nosso bello Portugal.

Amal-O porque ha-de ser vosso rei, e Elle o será porque tem obrigação de o ser.

Será pae de seus vassallos, porque tem obrigação de os amar como filhos.

Será justo, porque viveu na adversidade.

N'aquelle momento solemne, nossos paes firmaram mais o principio de nossas convicções politicas.

Disseram-nos que poucos annos decorreriam antes que um principe que representasse o direito e a justiça estivesse a nosso lado.

Disseram-nos que, se não tivéssemos o valor de guerreiro, não nos faltasse a coragem de heroe.

Hoje que recordamos esse dia, que cobriu de lucto a Real Familia Proscripta e toda a nação portugueza, oremos ao Eterno pelo descanso d'Aquelle por quem ainda hoje desfiemos o pranto.

Na dor acerba que hoje compunge a alma da Real Familia proscripta a acompanhamos, pedindo ao Senhor pelo Rei Martyr, pela nação portugueza e pelo triumpho da causa da legitimidade.

